

Inglês no Ensino Superior: Oportunidade e necessidade

Margarida Morgado
Docente do IPCB

Uma reflexão preliminar sobre as sociedades actuais revela-as multilingues, interculturais e inseridas em redes globais a níveis económicos, políticos, sociais e linguísticos. Nelas as competências que permitem derrubar barreiras nacionais e comunicar globalmente são de importância crescente.

Introdução

Haverá muitos que se interrogam sobre a recente medida tomada pelo Presidente do Instituto Politécnico de Castelo Branco de integração nos planos de estudos do instituto de uma unidade curricular obrigatória de língua estrangeira (por exemplo, inglês) num dos semestres de cada curso de 1º ciclo (licenciatura). Será que os alunos não chegam ao ensino superior com as competências necessárias (de inglês) para estudar e trabalhar? Se não as trazem, será que é mesmo importante possuir essas competências? Estas são algumas das perguntas que se ouvem na comunidade académica e que enquadram uma problemática mais vasta que procurarei abordar de forma simples: o lugar das línguas estrangeiras – e em particular do inglês – no ensino superior: para que serve, como se desenvolve e os desafios ou oportunidades que apresenta na actualidade.

Uma reflexão preliminar sobre as sociedades actuais revela-as multilingues, interculturais e inseridas em redes globais a níveis económicos, políticos, sociais e linguísticos. Nelas as competências que permitem derrubar barreiras nacionais e comunicar globalmente são de importância crescente.

Se não restam dúvidas de que a língua inglesa, nas suas muitas versões, continua a viver uma curva ascendente de popularidade, nem sempre os actuais e os futuros professores de língua inglesa e os outros agentes que a usam no ensino superior se mostram informados sobre as muitas “faces” da língua inglesa, nem do seu lugar relativo a outras línguas maternas e segundas num mundo em processo de globalização. Com base em factores económicos e demográficos para o século XXI, Graddol salienta que mais línguas ocuparão o topo da pirâmide linguística de falantes, para além do inglês, nomeadamente o chinês, o hindu/urdu, o espanhol e o árabe, enquanto o francês, o alemão e o japonês declinarão

em estatuto. As alterações das hierarquias linguísticas estão em marcha e Graddol anuncia que no século XXI se assistirá, por um lado, à perda de muitos milhares de línguas mundiais e, por outro, a um acréscimo de variedades linguísticas híbridas a partir do contacto cada vez maior das línguas estrangeiras com o inglês.

As necessidades do ensino superior

Portugal tem pouca ou nenhuma tradição na oferta de ciclos de formação ao nível do ensino superior que combinam estudos de língua (estrangeira) com uma outra vertente de formação não linguística (por exemplo, inglês e solicitadoria).

Em cursos de vertente não linguística, a situação mais comum é a que permite aos alunos escolher uma opção de língua estrangeira ao longo de um ou mais semestres ou serem obrigados a frequentar um a dois semestres de língua estrangeira. Pode dar-se ainda o caso, mais comum nas universidades do que nos institutos politécnicos, de certas unidades curriculares, ou módulos de uma unidade curricular, serem leccionados, em Portugal, em língua estrangeira (por exemplo, inglês) para atender aos números de estudantes ERASMUS em mobilidade ou porque o docente convidado não é português e encontra no inglês a língua ideal de comunicação. Em alternativa, muitas instituições oferecem aos alunos a possibilidade de frequentarem cursos de língua estrangeira em Centros de Línguas criados para esse fim, como descreveremos mais à frente.

Nos cursos não linguísticos (os cursos linguísticos são os que formam os alunos nas áreas das línguas estrangeiras, literaturas, tradução, linguística, etc.) a língua estrangeira ensinada - restrita geralmente a uma ou duas grandes línguas de comunicação internacional, como sejam o inglês e o espanhol - é geralmente

orientada para servir as necessidades académicas dos alunos, sejam elas ler ou contactar com vocabulário especializado, recriar situações profissionais ou preparar-se para um período de estudos no estrangeiro.

No geral, o que caracteriza as instituições de ensino superior, e em particular as do ensino superior politécnico, no que respeita a alunos de cursos não linguísticos é uma escolha limitada de línguas estrangeiras que se podem aprender; um número limitado de unidades curriculares de língua estrangeira; poucas horas de contacto para aprendizagem da língua estrangeira; poucos créditos atribuídos à unidade curricular de língua estrangeira; e um número muito pequeno de alunos que escolhem aprender (ou continuar a aprender) uma língua estrangeira quando ela é opcional. Ora, esta realidade é uma fraca resposta às necessidades dos mercados globais, nos quais o inglês é a língua de comunicação internacional.

Difícilmente se consegue hoje, num mundo académico e profissional cada vez mais interdisciplinar e internacional, integrar uma equipa multilingue sem se usar o inglês como língua de comunicação. A maioria dos projectos transnacionais actuais requer competências linguísticas e interculturais ditas 'globais' que são, essencialmente, vinculadas a modos de fazer e pensar anglófonos. Um meio de comunicação global como é a Internet, apesar dos esforços de várias entidades europeias e mundiais para o abrir a outras línguas e culturas, confirma a centralidade do inglês como língua de interface, língua internacional de comunicação e língua de divulgação de resultados científicos e académicos.

Oportunidade: centros de línguas

Muitas instituições de ensino superior apostaram na criação de centros de línguas,

como atesta a recém-criada RECLES Associação da Rede de Centros de Línguas do Ensino Superior, sediada no Instituto Politécnico de Castelo Branco e afiliada na sua congénere europeia CERCLES (Confédération Européenne des Centres de Langues dans l'Enseignement Supérieur). Os centros de línguas das instituições do ensino superior procuram responder directamente às necessidades pragmáticas dos alunos e, muitas vezes, prestam também serviços à comunidade envolvente, sedimentando relações entre as instituições de ensino superior e o tecido produtivo envolvente. Os cursos que ministram são geralmente transversais a todas as escolas da instituição e enquadrados em actividades de extensão, enquanto os serviços que prestam – de consultadoria linguística, tradução ou outros – reflectem a constante procura de actualização científica e técnica na área das línguas e a transferência de conhecimento para as empresas da investigação nacional e internacional realizada nesta área.

As mudanças são novas oportunidades

Uma língua nunca é apenas língua, mesmo quando apenas usada como 'língua estrangeira' ou 'língua internacional'; é também cultura, modo de vida, de organizar o pensamento, de expor ideias e de organizar a realidade. Na utilização de uma língua internacional como o inglês jogam-se relações de poder e de representação do que globalmente é considerado importante ou relevante. A importância do inglês no mundo tem sido acompanhada por uma rendição incondicional das comunidades académicas aos pontos de vista e perspectivas anglófonas dominantes. Contudo, tem igualmente gerado reacções antagónicas diversas que exprimem aversão e insatisfação ou acção concertada

para impor, paralelamente ao inglês, outras línguas internacionais (como o espanhol).

David Graddol, num estudo de 1997, deixava muito claro que aquilo a que chamamos 'inglês' é uma linguagem em transição que adopta formas novas que reflectem culturas e linguagens locais, já que nunca houve língua tão falada por todo o mundo e por tanta gente cuja língua materna não é o inglês. O inglês é a língua mais usada para fins específicos, como sejam o desenvolvimento científico e tecnológico, as indústrias de entretenimento ou a Internet. Mais significativo, no entanto, é o facto de o ensino/aprendizagem da língua inglesa ter evoluído de língua estrangeira mais falada no mundo para segunda língua de muitos falantes geograficamente espalhados pelo mundo.

Para além das formas diversas de 'inglês', com que somos hoje confrontados, e a ausência de um modelo de autoridade para o ensino/aprendizagem do inglês, assistimos à aprendizagem do inglês em contextos e para fins específicos (para os negócios, a banca, a área farmacêutica, etc.) que promovem junto dos estudantes competências comunicativas que serão diferentes das de falantes nativos.

Novos modos de aprendizagem de línguas

Às transformações internas da própria língua inglesa falada internacionalmente importa adicionar dados sobre os objectivos e metodologias da aprendizagem. A aprendizagem do inglês para fins específicos, que é tão característica do ensino superior em Portugal, tem apresentado alguns rumos de desenvolvimento que têm passados despercebidos ao público em geral. Referirei apenas três que me parecem possuir grande potencial de desenvolvimento ao nível da aprendizagem e da investigação académica

própria do ensino superior: aprendizagem em linha, aprendizagem autónoma e metodologias CLIL, deixando para a conclusão dois aspectos complementares à aprendizagem de línguas: comunicação intercultural e tradução.

Aprendizagem de línguas em linha

As novas tecnologias de informação e comunicação alteraram significativamente os modos de aprendizagem e as teorias/metodologias de ensino, em especial no que diz respeito à necessidade de constante actualização (como por exemplo em relação à aprendizagem de línguas estrangeiras por telemóvel e por MP3 e i-pod ou a utilização de moodles, plataformas de e-learning, b-learning ou blogs). Pouco tem sido divulgado a este nível no ensino superior em Portugal, embora as experiências realizadas em território nacional e em outros países europeus sejam de sucesso.

Aprendizagem autónoma de línguas

A aprendizagem autónoma da língua estrangeira em laboratórios de línguas ou em posto de trabalho em linha não conhece grande sucesso entre os aprendentes do ensino politécnico, a não ser quando integrado em actividades lectivas (por exemplo, actividades de laboratório de línguas numa unidade curricular obrigatória). Decorre geralmente em centros áudio-visuais e multimédia pensados como centros de recursos de aprendizagem que podem ser usados pelos alunos a qualquer hora e para qualquer finalidade.

Existe abundância de sítios electrónicos em linha que podem ser usados para aprender uma língua estrangeira, de forma autónoma ou semi-autónoma. O grande problema para o aprendente reside em seleccioná-los,

sentir que são fidedignos e correctos e manter um horário de estudo que permita a evolução de aprendizagem.

Existem possibilidades interessantes por parte dos diversos departamentos não linguísticos de uma instituição de ensino superior no desenvolvimento, em colaboração com os docentes da área das línguas ou com o centro de línguas, de um conjunto de instrumentos de aprendizagem autónoma de uma língua particular que se revista de relevância para determinado curso, como por exemplo, o espanhol para enfermeiros ou o tétum para especialistas da área da agricultura que desejem deslocar-se a Timor Leste.

CLIL

A introdução de metodologias CLIL (content and language intergated learning) começa a revolucionar a aprendizagem no ensino básico, secundário e universitário na Europa. Estas metodologias privilegiam essencialmente a aprendizagem de conteúdos não linguísticos em simultâneo com a aprendizagem de uma língua estrangeira. Pode-se ensinar química em inglês, por exemplo, ou de modo linguístico dual, em português e em inglês. O método requer uma cooperação intensa entre os professores de química e de inglês, ou o estabelecimento de uma parceria entre professores de uma mesma área disciplinar de dois países ou de uma mesma instituição.

No ensino superior têm-se ensaiado muitas formas de aprendizagem com características semelhantes, que não seriam porém classificadas como CLIL em termos formais, seja sob a forma de um período de estudos do aluno em outro país, onde é obrigado a seguir aulas e a realizar trabalhos numa língua estrangeira, seja sob a forma de unidades curriculares que se iniciam num estabelecimento de ensino de um país e que se terminam noutra. Os benefícios para os alunos são evidentes,



essencialmente porque os alunos possuem a possibilidade de pôr em prática os seus conhecimentos linguísticos enquanto prosseguem os seus estudos.

Do ponto de vista dos docentes, a aprendizagem integrada de conteúdos e língua estrangeira fica geralmente a cargo de um docente especialista em vez do tradicional professor de língua, ou de um docente especialista coadjuvado por um professor de língua. O professor especialista deve ser idealmente nativo da língua estrangeira ou bilingue, mas na prática assiste-se ao trabalho conjunto do professor especialista com o professor de língua na elaboração de materiais e preparação de metodologias e abordagens que permitam aos alunos beneficiar da aprendizagem simultânea de conteúdos curriculares de uma determinada área e a língua estrangeira usada nesses contextos.

Aspectos complementares à aprendizagem de línguas

Comunicação intercultural

Em Portugal a importância dos estudos na área da comunicação intercultural associados à aprendizagem de línguas tem sido escassa. No entanto, num mundo global a comunicação intercultural é de suprema importância. Enquanto competência, a comunicação intercultural tem sido associada programaticamente à aprendizagem das línguas estrangeiras, embora de forma fluida e sem possibilidade de aferição. Em que consiste esta competência? De forma muito genérica refere-se à capacidade empática de ver e sentir pelos olhos de outros e de integrar essas novas perspectivas em termos de conhecimento pessoal ou de formação de identidades plurais. Esta é a competência básica que nos permite funcionar em sociedades multiculturais ou trabalhar globalmente; é ela também que nos permitirá melhor entender, a nível

internacional e global, hierarquias de poder subjacentes (que podem ser linguísticas, culturais, sociais) nas interações do global com o nacional e o local.

A competência de comunicação intercultural é uma das competências mais valorizadas no presente. As sociedades de capitalismo tardio actuais são altamente competitivas, os seus mercados são globais e voláteis, o que as move são os negócios e o que as alimenta são as migrações em massa de trabalhadores inseridos em esquemas de trabalho flexível, em equipas multi-profissionais e multi-nacionais. Aos profissionais que trabalham nestas condições são exigidas a capacidade de negociação da diversidade cultural de forma positiva e a capacidade de reflexão crítica sobre sistemas complexos de organização e interacção.

Ninguém duvida que os estudantes actuais necessitarão de interagir com eficácia nas suas vidas privadas, cívicas e profissionais com pessoas de muitas outras culturas. Naturalmente que as competências necessárias deixam de se centrar no inglês como língua internacional de comunicação para relevar a necessidade de utilização de várias línguas e de ser capaz de compreender e usar padrões de comunicação trans-culturais e trans-nacionais.

As directivas europeias apontam para a necessidade dos europeus dominarem com fluência, para além da sua língua materna, mais duas línguas estrangeiras, uma de raiz comum à sua língua materna (no caso português poderia ser o espanhol, o francês, o italiano ou o romeno) e outra de raiz diferente (como o inglês, o alemão ou o finlandês). Apontam igualmente para as aprendizagens de uma língua de comunicação internacional e uma língua menos falada e menos (re)conhecida como língua internacional, que poderá oferecer uma mais-valia em termos de empregabilidade.

O princípio do multilinguismo, tão caro à Europa, é crucial em termos políticos para a manutenção da paridade entre nações, mas também em termos pessoais, porque ao justapor línguas, discursos, estilos e abordagens pedagógicas durante o processo de aprendizagem, os alunos adquirem (ou melhoram) competências de meta cognição e meta linguísticas que os ajudam a reflectir de forma crítica sobre os territórios e culturas associados às línguas.

Tradução e Terminologia

Os estudos de tradução e de terminologia têm enveredado cada vez mais decididamente pela área da 'tradução técnica'. Para além de estudos graduados nesta área para formar tradutores especializados, assiste-se à oferta de seminários e oficinas para especialistas de uma determinada área científica na área da tradução, desde que possuam competências de nível intermédio numa língua estrangeira. Nestas acções de formação, muito úteis para quem pretenda utilizar de forma especializada o inglês ou outra língua estrangeira em relação com o português, os enfoques recaem sobre as potencialidades da tradução assistida por computador, os princípios de criação e utilização de bases de dados terminológicas e a utilização de memórias de tradução, para mencionar alguns dos mais importantes tópicos. Recomendo o sítio ECOLOTRAIN em <http://ecolotrain.uni-saarland.de/index.php?id=702&L=1> para uma breve compreensão das potencialidades destas áreas para investigadores e docentes de áreas não linguísticas no ensino superior para aperfeiçoarem as suas competências numa língua estrangeira.

Conclusão

Em suma, o inglês (nas suas variedades híbridas múltiplas) permite uma rápida

internacionalização da educação. No mundo assistiremos, nas próximas décadas, ao reposicionamento de países em desenvolvimento, cuja língua materna se tornou o inglês, como exportadores de serviços em competição com países cuja língua materna é o inglês, com consequências para a existência de variedades de inglês aceites na comunidade internacional.

O inglês é a língua estrangeira mais estudada em Portugal, logo seguida do espanhol. A sua hegemonia manter-se-á inalterada, já que o inglês é a língua estrangeira mais ensinada ao nível da educação básica. Estes são factos conhecidos. Uma tendência significativa será a do aumento de oferta, no espaço do ensino superior português, de unidades curriculares de inglês especializado. As consequências a longo prazo desta prática são a elevação do estatuto do inglês de língua estrangeira para segunda língua (uma língua que se fala em paralelo com a língua materna, numa situação que se assemelha ao bilinguismo).

Aprender uma língua hoje tem pouco a ver com as formas tradicionais de aprendizagem a que nos habituámos. Existem recursos para todos os gostos e necessidades à distância de um clique, formas de aprendizagem associadas essencialmente ao prazer (como ver filmes ou 'surfar' na net), modalidades de aprendizagem que se ajustam ao ritmo de cada um e que conjugam áreas de especialidade com língua estrangeira, programas de mobilidade internacional de estudantes e docentes que lhes permitem aprender uma outra língua em contexto enquanto ensinam, estudam e/ou vivem noutra país e novas possibilidades de trabalho interdisciplinar entre docentes de língua e docentes de áreas disciplinares não linguísticas no sentido de criar os materiais e as metodologias que ensinam simultaneamente conteúdos programáticos e língua estrangeira.

Apesar do desinteresse dos jovens estudantes e dos docentes de áreas não linguísticas em aprender línguas estrangeiras ou em aperfeiçoar as suas competências nesse domínio e da possibilidade de realizarem períodos de estudo e/ou trabalho no estrangeiro e de acolherem anualmente colegas de outros países, aprender uma língua estrangeira e as competências interculturais e interlinguísticas a ela associadas é crucial na sua preparação académica e profissional. O importante é que as instituições de ensino superior em Portugal trabalhem seriamente, ao nível das políticas e das práticas, a motivação de alunos e docentes do ensino superior para aprenderem línguas, mostrando-lhes a sua incontornável relevância para fins académicos e profissionais.

Referências

- Vosicki, B.F. in collaboration with Fraser, T. and Flischikowski, D. (sem data) Organisation of Language Teaching for Students of Other Disciplines in Institutions of Higher Education in Europe. Relatório Thematic Network Project in the Area of Languages. Sub-project 8: Language Provision for Students of Other Disciplines. <http://www.llas.ac.uk/resourcedownloads/1216/switzerland.rtf>
- European Commission. European language policy and CLIL. A selection of EU-funded projects. http://ec.europa.eu/education/languages/pdf/doc786_en.pdf
- Chen, G. M. (2000). Communication and global society: An introduction. In G.M. Chen & W. J. Starosta (Eds.), *Communication and Global Society* (pp. 1-16). New York: Peter Lang.
- Graddol, D. (1997). *The Future of English*. London: The British Council.
- The New London Group. Cope, B. and Kalantzis, M (eds.) (2000). *Multiliteracies. Literacy Learning and the Design of Social Futures*. London: Routledge.